

1984, DE GEORGE ORWELL, A MANIPULAÇÃO DA LINGUAGEM E O MATERIALISMO LACANIANO

Érica Fernandes Alves – efalves@uem.br
DLM/UEM – Doutora em Letras (UEM)

Geniane Diamante Ferreira Ferreira – geniane.ferreira@uol.com
DLM/UEM – Doutoranda em Letras (UEM)

RESUMO: Este artigo analisa a manipulação da linguagem na literatura, tendo como corpus o romance distópico *1984*, de George Orwell. Observa-se que o partido totalitário da obra, o Socing, se empenha em manipular a realidade da sociedade de Oceânia ao criar uma nova língua, a Novafala, a qual veicula abertamente os preceitos políticos instaurados pelo partido. A tentativa incessante de manipulação da linguagem se caracteriza como uma das várias estratégias imputadas pelo aparato político a fim de vigiar e controlar os cidadãos e, principalmente, os membros do partido, para que não consigam articular pensamentos dissonantes à ideologia política dominante. Baseando-nos em teorias desenvolvidas por Žižek sobre os conceitos de Simbólico e de grande Outro, presentes na psicanálise de Jacques Lacan, os resultados revelam que a interferência na instância do Simbólico por meio da linguagem é prejudicial, pois altera o modo como os sujeitos concebem a realidade, privando-os de sua capacidade de visualizar o controle imposto pela política totalitária do romance e de lutar contra ele. Inversamente, entretanto, a interferência na linguagem revela algumas falhas no seio do partido, tendo em vista que a necessidade de investimentos na criação de mais um mecanismo de controle do pensamento – a linguagem – denota que o partido não é, na verdade, completamente eficaz naquilo que se propõe a fazer.

PALAVRAS-CHAVE: Novafala; grande Outro; Simbólico; Linguagem.

1 INTRODUÇÃO

No final de 1945, Orwell escreveu um de seus mais conhecidos e influentes ensaios: *Politics and the English Language*. O trabalho lida com os problemas advindos da língua utilizada na política de modo geral. Em uma crítica ao livro *Collected Essays, Journalism and Letters*, publicado postumamente em 1968, do qual o ensaio faz parte, George Steiner, crítico do New Yorker, transcreve o que Orwell pensava sobre o tema:

No nosso tempo, fala e escrita são amplamente a defesa do indefensável... Assim, a linguagem política deve se consistir estritamente de eufemismo, petição de princípio e pura imprecisão nebulosa. Vilas indefesas são bombardeadas pelo ar, os habitantes são retirados do campo, o gado é metralhado, as cabanas incendiadas com bombas incendiárias: isto é chamado de **pacificação** (STEINER, 2002, p. 369, grifo do autor)¹.

¹ Tradução nossa

A preocupação com a linguagem, bem como o seu poder, seriam temas do romance *1984*, mas vê-se que, desde muito antes de sua publicação, Orwell se dedicava a pensar nas consequências do mau uso ou do uso político da linguagem. No entanto, acima de tudo, Orwell assinalava a problemática da política dos opostos, ou, como diz Žižek, a “coincidência de opostos”. Para exemplificar essa dualidade, o filósofo compara ironicamente o fato de George W. Bush e Tony Blair serem aludidos como candidatos ao Prêmio Nobel da Paz em 2002 por sua luta contra o terrorismo, ao slogan orwelliano, “Guerra é Paz”:

A estranha “coincidência de opostos” atingiu o máximo quando, em abril de 2002, Harald Nasvik, membro direitista do parlamento da Noruega, propôs George W. Bush e Tony Blair como candidatos ao Prêmio Nobel da Paz, citando o papel decisivo dos dois na “guerra contra o terrorismo” como a maior contribuição à paz nos nossos dias – o velho lema orwelliano “Guerra é Paz” finalmente se torna realidade (ŽIŽEK, 2011a, p.118, destaques do autor).

Nos anos seguintes à publicação de *Animal Farm*, Orwell passou a rascunhar o romance inicialmente chamado *The last man in Europe*, que mais tarde viria a se chamar *1984*. Porém, com a morte de sua esposa e a decadência de sua própria saúde, a finalização do novo projeto foi adiada. Apenas em junho de 1949 o romance foi publicado nos Estados Unidos, após Orwell se recusar a retirar algumas partes que a editora achava melhor ficarem fora da edição. Ironicamente, os cortes se referiam ao capítulo *Teoria e prática do coletivismo oligárquico de Emmanuel Goldstein* e ao apêndice sobre a Novafala ou Newspeak, no original. O livro alcançou a marca de 190 mil cópias vendidas, apenas no primeiro ano de publicação. No romance, a Novafala é utilizada pelo partido totalitário Soving para controlar a sociedade.

Nosso objetivo é justamente analisar de que maneira a linguagem é utilizada pelo partido Soving a fim de manipular e controlar a realidade da população de Oceânia que vive sob o jugo de uma política totalitária. Observamos que a manipulação revela um aspecto ambivalente do poder totalitário: ao mesmo tempo em que destrói a identidade dos sujeitos, denota a fragilidade do partido no poder que se intitula hegemônico e eficaz.

Para esta análise, levamos em consideração as teorias que versam sobre o Simbólico e o grande Outro dentro da corrente teórica denominada de Materialismo Lacaniano, do filósofo esloveno Slavoj Žižek.

2 O MATERIALISMO LACANIANO, A NOVAFALA E ORWELL

O Materialismo Lacaniano, em algumas de suas abrangências, busca instaurar uma nova perspectiva de análise para situações sócio-políticas e econômicas, obras literárias, filmes e outras

manifestações literárias, que escapam à precisão de certas leituras teóricas comumente recorrentes. Na perspectiva materialista lacaniana, observa-se que a linguagem tem papel central nas relações humanas e na constituição da identidade. O trabalho de Žižek dentro da linha do Materialismo Lacaniano é influenciado por três grandes áreas de conhecimento: a psicanálise, notadamente a psicanálise de Jacques Lacan; a política, principalmente aquela derivada do pensamento de Marx; e a filosofia idealista, advinda do pensamento de Immanuel Kant, Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling e Georg Hegel.

Um dos conceitos lacanianos mais debatidos nas pesquisas žižekianas refere-se à tríade Imaginário – Real – Simbólico. Apropriando-se dos conceitos de Lacan, o filósofo esloveno lhe dá uma nova roupagem e observa que a realidade do ser humano é constituída por essa tríade, que opera de modo entrelaçado, ou seja, é a partir desse entrelaçamento, também conhecido como nó borromeano, que compreendemos a relação do sujeito com o mundo em que vive (ŽIŽEK, 2010). Nesse nó, o Imaginário estaria relacionado ao significado, ou seja, àquilo que pensamos que vemos (imageticamente falando); o Simbólico seria o equivalente ao significante, aquele que ordena as regras; e o Real seria aquilo que escapa à representação, ao significante, isto é, àquilo que o discurso não consegue descrever por meio de palavras e definições.

Lançando nosso olhar para o Simbólico, conceito basilar nesta análise, observamos que é nele que a aquisição da linguagem é concebida, isto é, quando o indivíduo “estruturou uma série de códigos, leis e proibições que permitirão sua socialização” (SILVA, 2013, p. 213). O Simbólico é essencial para que as relações humanas aconteçam, pois funciona como uma ordem reguladora das ações e dos códigos sociais. Segundo Žižek,

A ordem simbólica, a constituição não escrita da sociedade, é a segunda natureza de todo ser falante: ela está aqui, dirigindo e controlando os meus atos; é o mar em que nado, mas permanece essencialmente impenetrável - nunca posso pô-la diante de mim e segurá-la. É como se nós, sujeitos de linguagem, falássemos e interagíssemos como fantoches, nossa fala e gestos ditados por algo sem nome que tudo impregna (ŽIŽEK, 2010, p. 16).

Corroborando essa perspectiva, Libbrechet argumenta que na ordem do Simbólico a linguagem tem papel fundamental, porque se articula como o mecanismo que os homens têm para se comunicar entre si:

O simbólico na teoria de Lacan está geralmente associado à importância primordial da linguagem para o ser humano. Expressões como ‘o inconsciente é estruturado como uma linguagem’ e ‘o sujeito é dividido pela linguagem’ são

facilmente articuladas neste contexto (LIBBRECHT, 2001, p. 198, destaques da autora)².

Žižek (2010) explica que o ato de interagir com alguém implica a aceitação de uma série de códigos e regras pressupostas, das quais somos dependentes como, por exemplo, as regras gramaticais, que nos impediriam de falar caso não as dominássemos minimamente; os códigos vigentes na sociedade, em que cada um faz parte e que nos permitem que compreendamos um ao outro; sem contar as regras que seguimos por hábito e cegamente; as proibições inconscientes, dentre outras.

Observamos que há uma tentativa de manipulação do Simbólico pelo partido Socing em *1984*. Essa tentativa existe para que o Socing possa estabelecer um controle totalitário sobre a vida de todos os cidadãos de Oceânia – em outras palavras, a destruição das relações privadas dessas pessoas, para que se tornem alheias ao mundo ao seu redor.

Desse modo, pensar em *1984*, é também pensar no uso particularizado da linguagem. O Newspeak, ou Novafala em português, configura-se como uma parte visceral do romance, tendo, inclusive, um apêndice dedicado a explicar seus fundamentos e uso. Muito já foi discutido sobre o papel da linguagem no romance, inclusive, alguns trabalhos de caráter dissertativo foram desenvolvidos na academia brasileira, versando sobre o conceito de língua relacionado à Novafala criada por Orwell. De modo geral, os estudos se referem à Novafala como um instrumento de controle totalitário, como observamos na análise de Tiago: “Uma das funções da nova língua era exatamente minimizar o vocabulário, a fim de extinguir certas palavras que pregavam a resistência ao Partido, e assim não haver mais revoltas contra o sistema” (TIAGO, 2015, p. 65).

Fowler (2007), por sua vez, concorda que “Orwell entende que existem relações vitais entre linguagem e pensamento e acredita que o pensamento claro pode ser ajudado ou prejudicado por escolhas linguísticas”, porém, observa que “ele não sugere que a ortodoxia pode ser imposta por uma língua inventada e controlada pelo governo”. Além disso, complementa que a Novafala se trata de uma sátira que “parece ser apresentada como a fantasia implausível de um regime com excesso de confiança” (FOWLER, 2007, p. 93)³.

Analisando os dois raciocínios, compreendemos que eles se completam, ao invés de se excluírem, como se poderia concluir. No primeiro caso, observamos que o próprio apêndice do romance expressa a ideia de que a criação da nova linguagem tinha como objetivo máximo excluir quaisquer possibilidades de divergências ao Socing. Entretanto, a completude desse objetivo só

² Tradução nossa

³ Tradução nossa

seria possível no ano de 2050, isto é, apenas em 66 anos a Novafala seria plenamente estabelecida. Os membros do partido trabalhavam incessantemente para sua implantação e já estavam arquitetando a 11ª. edição do dicionário dessa nova língua. O filólogo, Syme, personagem central no desenvolvimento da língua no romance, parecia estar obcecado com a possibilidade de a Novafala ser a língua do futuro: “**A Décima Primeira Edição é a edição definitiva**”, disse. [...] A Décima Primeira Edição não conterà uma única palavra que venha a se tornar obsoleta antes de 2050” (ORWELL, 2013, p. 67, grifos nossos).

Se considerarmos, por outro lado, que o regime totalitário havia sido implantado na Oceânia há cerca de 40 anos e, até aquele momento, existiam 10 edições do dicionário, estando o 11º. quase completo, podemos inferir que 66 anos ainda era muito tempo e que o próximo dicionário ainda estava em uma fase deveras deficiente e incompleta, incapaz, assim, de atingir a meta de exclusão de pensamentos dissidentes eficientemente. A passagem em destaque indica a incongruência de se pensar que o Socing poderia dominar a linguagem, pois se a 11ª edição era a definitiva, ela estava muito longe de ser colocada em prática. Ainda assim, se trata claramente de uma tentativa de manipulação da realidade, tal qual as personagens a conheciam ou, em termos žižekianos, uma tentativa de manipulação do Simbólico.

No segundo caso, observamos que Fowler concorda que Orwell, ao inserir a Novafala no romance, estava consciente do poder da linguagem em transformar o pensamento e sustentar uma determinada ideologia, corroborando, dessa maneira, a ideia de que a Novafala se trata, evidentemente, de um meio de controle.

Notamos, porém, que Orwell conscientemente ironiza e ridiculariza a extrema confiança que o Socing tinha ao acreditar que poderia criar uma nova língua capaz de excluir a dissidência, isto é, uma linguagem que obliterasse o pensamento. O próprio fato da elaboração do 11º. dicionário da Novafala não se mostrar completo, visto que só em 66 anos o uso da língua poderia se concretizar completamente, já se caracteriza como uma ironia da suposta perpetuação do poder totalitário. Quem poderia comprovar que o Socing estaria ainda no poder ao fim desses 66 anos? Além disso, para um governo que se coloca como absoluto, totalitário e onipresente, 66 anos é um tempo consideravelmente longo. Quem poderia garantir que não haveria levantes contra o Socing durante esse tempo? Além disso, depois de 66 anos, quem poderia supor que a Novafala pudesse ser capaz de controlar o povo, depois desse se encontrar há muito tempo estigmatizado e insatisfeitos com os desmandos do Socing?

A nosso ver, a tese de Fowler parece ter validade, principalmente se lembrarmos que Orwell aborda em *1984* muitas das realidades vividas por países sob regimes totalitários. Nesses países, os líderes e seus respectivos partidos foram obrigados, a todo o tempo, a criar novas leis e regras para

avançarem em suas conquistas e silenciar aqueles que se obstinavam em encontrar falhas no regime. Se por um lado as constantes mudanças no dicionário da Novafala denotam essa preocupação, mostram, por outro, a dificuldade de um partido totalitário se manter no poder.

Outro aspecto que evidencia a ironia de Orwell, é o fato de as próprias personagens que fazem parte do núcleo do Socing não utilizarem comumente a Novafala em sua comunicação diária. Contraditoriamente, praticamente tudo ocorre em Velhafala.

Observemos Winston, o protagonista de *1984*, que trabalha em sua função habitual de modificar as notícias publicadas nos jornais e revistas. Nessa situação, Winston recebe instruções em tiras de papel que devem ser seguidas para a completude do intento do Socing. Ao pegar cada tira de papel e ler, o narrador observa que nem mesmo as notícias estavam completamente escritas em Novafala, mas em um jargão comum utilizado pelos membros do partido, como podemos observar na expressão em destaque:

Winston examinou as quatro tiras de papel que acabara de desenrolar. Em cada uma delas via-se uma mensagem de apenas uma ou duas linhas, **no jargão abreviado** – não era Novafala propriamente dita, mas consistia sobretudo em palavras extraídas do vocabulário da Novafala – **que os funcionários do Ministério empregavam em suas comunicações internas** (ORWELL, 2013, p. 52, grifos nossos).

Se até o momento em que o 10º. dicionário já estava em circulação os membros do partido interno não utilizavam a Novafala – até mesmo em comunicações internas – podemos questionar quando a nova linguagem faria efetivamente parte do dia a dia de Oceânia.

Em praticamente todas as situações em que a linguagem é utilizada diretamente com o protagonista não há o uso efetivo da Novafala; quando Winston conversa com Syme, Parsons e sua família e mesmo com O'Brien, os diálogos não acontecem em Novafala; quando Winston está em frente à teletela fazendo exercícios, as instruções são todas pronunciadas em Velhafala; ao ouvir os anúncios da teletela, esses são em Velhafala, como podemos observar nos excertos abaixo. No primeiro, Winston recebe ordens da instrutora física pela teletela; no segundo, temos uma fala de Parsons; em seguida, um anúncio comum da teletela e no último, uma fala de O'Brien:

6070 Smith W! Isso mesmo, você! Incline-se mais, por favor! Você não está dando tudo o que pode. Não está se esforçando. Incline-se, por favor! (ORWELL, 2013. 49).

Olha só como ele trabalha no horário do almoço! [...] Dedicado, hem? O que você tem aí garotão? (p. 73).

Atenção, camaradas! Temos novidades gloriosas para vocês. Vencemos a batalha da produção! (p.75).

Você é um caso difícil. Mas não perca as esperanças. Mais cedo ou mais tarde, todos se curam. No fim, nós o mataremos (p. 319).

Observamos que não há o uso da Novafala em nenhuma situação corriqueira na Oceânia, o que denota a sua insubstancialidade como mecanismo efetivo de controle. Em determinado momento, Syme acrescenta: “A Revolução estará completa quando a linguagem for perfeita. A Novafala é o Socing e o Socing é Novafala” (ORWELL, 2013, p. 69). Se considerarmos essa fala nesse aspecto, podemos ir além e pensar que se o Socing dependesse da linguagem para ser hegemônico, esta conquista ainda estaria longe de acontecer ou, talvez, seria impossível.

Não estaria Orwell sendo irônico quando faz essa relação entre o Socing e a Novafala? Não estaria ele querendo dizer que o domínio da linguagem, ou melhor, a manipulação completa da linguagem para fins partidários é um processo deveras lento, para não dizer, praticamente inconcebível? Essas perguntas podem ser respondidas de duas maneiras: sim e não. Sim, porque se pensarmos que os cidadãos que viviam na Oceânia naquele momento eram praticamente a primeira ou a segunda geração de indivíduos sob o jugo do Socing, então o uso da nova linguagem poderia não se aplicar, tendo em vista que haveria a barreira da comparação entre um período e outro e uma língua e outra.

Nem mesmo os filhos de Parsons, que se encaixavam perfeitamente no padrão de adeptos cegos do Socing, poderiam ser adeptos do uso da Novafala completamente. A linguagem utilizada pelas crianças ainda era fundamentada na Velhafala, mas com um número de léxicos importados da Novafala: “Você é um traidor!”, gritou o menino. “É um **criminoso do pensamento!** Um espião eurasiático! Eu acabo com você, **vaporizo** você, mando você para as minas de sal!” (ORWELL, 2013, p. 34, grifos nossos). Nesse excerto, percebemos que a ideologia na mente da criança é totalmente advinda do Socing, mas a linguagem ainda é híbrida, deficiente em seu objetivo final.

Todavia, se refletirmos sobre as futuras gerações, durante os próximos 66 anos da previsão de implantação total da Novafala, poderíamos responder negativamente à questão que colocamos. Winston, que nascera antes do regime totalitário do Socing estar completamente formado, já não conseguia se lembrar do passado com clareza, devido ao constante apagamento da história. Se projetarmos essas constantes intervenções do partido na história, na literatura, na língua e até mesmo na individualidade de cada um nos próximos 66 anos, a ideia da extinção da Velhafala e a implantação da Novafala poderia não ser tão utópica. No apêndice da Novafala, essa ideia é aludida:

Como em *1984* a Velhafala ainda era o meio de comunicação mais utilizado, em tese havia o risco de que, ao usar palavras no novo idioma, a pessoa ainda se lembrasse de seus significados originais. Na prática, para um indivíduo bem adestrado em *duplipensamento*, não era difícil evitar esse perigo, mas duas ou três gerações mais tarde até tal lapso estaria excluído do universo das possibilidades. Para alguém que crescesse tendo a Novafala como único idioma seria tão difícil imaginar que, no passado, a palavra *igual* tivera o significado secundário de ‘intelectualmente livre’ (ORWELL, 2013, p. 360, grifos e destaques do autor).

Syme explica a Winston essa concepção, ao afirmar que “Só que o processo continuará avançando até muito tempo depois que você e eu estivermos mortos. Menos e menos palavras a cada ano que passa, e a consciência com um alcance cada vez menor” (ORWELL, 2013, p. 69).

Essas discussões levantadas neste artigo sobre a Novafala revelam que a linguagem suscita uma gama de questões que, talvez, não possam ser respondidas. No campo da psicanálise lacaniana, a linguagem é elemento central na ordem do Simbólico e se trata de “um presente tão perigoso para a humanidade quanto o cavalo foi para os troianos: ela se oferece para nosso uso gratuitamente, mas, depois que a aceitamos, ela nos coloniza” (ŽIŽEK, 2010, p. 20). O filósofo esloveno faz atentar para o fato de que, fora da linguagem não há comunicação, porém, ao aceitarmos a linguagem, ela nos domina, nos tornamos seus súditos e dependentes e mais ainda: nossa propriocepção é coordenada por ela. A linguagem é que permite a representação do mundo em nossas consciências, de modo que a tendência do falante é naturalizar as práticas embutidas no código linguístico que ele pratica.

Transpondo essa concepção para a obra em análise, observamos que os sujeitos da Oceânia já estão imersos na teia do Simbólico, porém são constantemente impelidos a substituir sua realidade por uma nova, instaurada a partir dos interesses partidários do Socing e do Grande Irmão. Como o Simbólico é intermediado pela linguagem, a tentativa do Socing em manipular a língua existente, até o ponto de ela ser substituída por outra, caracteriza-se como outra tentativa de mascarar o Simbólico ou, até mesmo, criar um novo Simbólico em benefício próprio.

É no Simbólico que as regras e leis são articuladas e os indivíduos são governado por elas, sendo a linguagem uma das primeiras regras que os indivíduos aprendem para poder fazer parte da sociedade. Quando isso acontece, os indivíduos não só assimilam as regras gramaticais e vocabulário da língua, mas seu conteúdo ideológico. Com a inserção de uma nova língua, um novo conteúdo ideológico também é assimilado. O fato de o Socing se esforçar em criar uma nova língua, em substituição à existente, para que qualquer pensamento dissidente seja excluído do pensamento, reforça sua intenção de controle total, como é comum nos partidos totalitários.

Uma característica peculiar da Novafala é o fato de ela estar encolhendo ao longo dos anos, em vez de se expandir, como praticamente todas as outras línguas. Essa diminuição proposital,

nada mais revela do que a intervenção do Socing sobre os vocábulos que poderiam conter ou exprimir pensamentos dissidentes, ou, em Novafala, pensamentos-crime. No apêndice da Novafala, comprovamos essa noção: “Toda redução era um ganho, de vez que quanto menor fosse a **possibilidade de escolha**, mais tênue seria a propensão ao pensamento” (ORWELL, 2013, p. 358, grifos nossos).

O termo em destaque soa um tanto quanto contraditório, em se tratando da Oceânia, pois qual era a escolha que os 15% da população (membros do Socing) tinham? Nessa perspectiva, temos claramente o que Žižek argumenta sobre a falsa ideia de que podemos escolher algo sem a interferência da ideologia: “conhecemos a situação comum da escolha forçada em que estou livre para escolher com a condição de fazer a escolha certa, de modo que a única coisa que me resta é o gesto vazio de fingir realizar livremente o que o conhecimento especializado me impôs” (ŽIŽEK, 2010, p. 61). A redução da linguagem da Oceânia procura, acima de tudo, limitar até mesmo a formação do pensamento-crime. Não se trata de impedir que o pensamento seja expresso, mas que ele sequer seja formado na mente dos indivíduos.

A Novafala é reducionista e, de acordo com o apêndice no final do romance, ela só é necessária na medida em que os sujeitos queiram transmitir informações. Para isso, há três tipos de vocabulário: A, B e C. O vocabulário A diz respeito àquelas palavras que nomeiam atividades do dia a dia e, em sua maioria, provenientes da Velhafala, mas sem qualquer ligação com ideologias externas ao Socing; o vocabulário B são as novas palavras, criadas com teor político, a partir de palavras pré-existentes; nesse âmbito estão: benepensar, crimepensar, patofala, dentre outras; o vocabulário C dá vazão às palavras de cunho técnico-científico, utilizadas principalmente pelos cientistas membros do partido.

Tendo essas considerações sobre a Novafala em nossa perspectiva, chegamos a duas conclusões sobre ela em *1984*. A primeira delas é de que a Novafala é psicótica, em sua tentativa de limitar o pensamento e o uso polissêmico das palavras, e a segunda se refere ao fato de que ela expressa duas ideias opostas ao mesmo tempo, uma vez que aquilo que é dito em Novafala encobre ou esconde aquilo que não pode ser dito, ressaltando que o que não pode ser pronunciado existe e é perigoso para o Socing.

No primeiro caso, na medida em que a Novafala limita a comunicação e o pensamento, podemos inferir que ela é psicótica, uma vez que seus vocábulos devem ser restritos a um único sentido, forcluindo a polissemia que possam veicular. A Novafala, portanto, exclui significantes mestres necessários para que o Simbólico, tal qual ele é, seja definido e delineado pela linguagem. Por exemplo, em Novafala, não há como dizer que o homem é livre, no sentido de que todo homem tem direito a fazer suas escolhas de acordo com o que lhe convém. Mesmo se alguém

reconhecer tal fato em pensamento, a linguagem não poderá exprimi-lo. A frase significaria apenas que alguém não está preso (enclausurado em uma cela, por exemplo). Nesse aspecto, a Novafala contribui para o mascaramento ou manipulação do Simbólico, claramente presente no âmago do Socing.

A segunda conclusão revela que a Novafala pode representar um excesso do desejo de controle do Socing e, simultaneamente, a denúncia de que esse desejo não deverá/poderá ser satisfeito. Isto é, ao mesmo tempo em que a Novafala é criada para reforçar o controle do Estado pelo Socing, ela também mostra tudo o que é escondido pelo aparato do partido. Quando o Socing cria uma nova língua para excluir quaisquer tentativas de dissidência, ele está confessadamente declarando que há dissidência, que nem todos são a favor do partido e do Grande Irmão, como é convenientemente colocado nas mídias de Oceânia. Se não há dissidência, se todos realmente amam o Grande Irmão, qual o propósito de criar uma nova língua? Não estaria Orwell questionando a totalidade do Socing e talvez, ainda mais adiante, os partidos totalitários da vida real?

Esse contrassenso é explicado por Žižek, quando o filósofo alude à fita de Moebius⁴ (2006). A Novafala deveria ser OU o excesso de confiança, de vontade de dominar do Socing OU a denúncia de que essa dominação total não é possível. Porém, se pensarmos na fita de Moebius, na verdade, não existe **ou**, pois as duas possibilidades são uma só, interligadas.

Em resumo, quando a Novafala é criada com a finalidade de alterar o Simbólico, torna-se evidente que há algo para ser escondido, há algo perigoso que o Socing teme e conseqüentemente deve ocultar. Nesse aspecto, a nova linguagem totalitária do romance falha naquilo para o que foi destinada, mas afeta, pelo menos parcialmente, a capacidade dos sujeitos de enxergarem objetivamente o controle do Socing.

2.1 O BIG BROTHER COMO EXCESSO DO SIMBÓLICO

Ainda pensando na linguagem do romance, não podemos deixar de notar a semelhança entre os termos Big Brother (Grande Irmão) e big Other (grande Outro)⁵ que se colidem nesse artigo. O conceito de big Other, ou grande Outro em português, está intrinsecamente ligado à

⁴ A fita de Moebius, também conhecida como anel de Moebius ou ainda faixa ou banda de Möbius é uma descoberta topográfica do matemático alemão August Ferdinand Möbius (1790-1868). Trata-se de um tipo especial de superfície, em que não há lado de dentro ou de fora, isto é, nela só há um lado e uma única borda que é uma curva fechada. Para sua confecção é necessária uma faixa retangular de papel na qual fazemos uma pequena torção (um giro de 180°) e unimos as duas extremidades.

⁵ Utilizaremos nesse artigo a nomenclatura ora em português, ora em inglês.

ordem do Simbólico, tratando-se de uma entidade subjetiva que age no consciente coletivo operando em um nível invisível:

Ele só existe na medida em que os sujeitos agem como se ele existisse [...]. No entanto, a única coisa que realmente existe são esses indivíduos e suas atividades, de modo que essa substância é real apenas na medida em que indivíduos acreditam nela e agem de acordo com isso (ŽIŽEK, 2010, p. 18).

Podemos inferir que a existência dessa entidade gera, por um lado, uma espécie de tensão entre os indivíduos e também entre os indivíduos e as leis/regras existentes, quando se dão conta de que nem sempre é possível realizar todos os seus desejos, pois o **Outro** está observando e não permite – não no sentido estrito da palavra, uma vez que é possível realizar algo que fira o reconhecimento do grande Outro. Entretanto, a quebra das regras implica desconforto e (auto)punições; ao se desconsiderar o grande Outro, desconsidera-se também a ordem Simbólica e isso provoca uma série de problemas em todos os outros níveis.

Advém daí que o papel fundamental da ordem Simbólica é possibilitar que nossa coexistência com outros indivíduos seja possível, suportável. Desse modo, “um Terceiro tem de intervir entre mim e meus próximos para que nossas relações não explodam em violência assassina” (ŽIŽEK, 2010, p. 59). Esse terceiro é o grande Outro/big Other.

A personagem Big Brother é imposta de tal modo para os habitantes da Oceânia, que se assemelha ao conceito de big Other. Em nossa análise, entretanto, concluímos que o Big Brother falha ao se projetar como big Other. Um dos motivos dessa constatação é o uso do seu poder de manipulação em prol de interesses políticos do Socing. Uma outra maneira pela qual podemos compreender sua falha, é justamente o excesso de si próprio. Para suprir o fato de que ele não é verdadeiramente a instância big Other presente no Simbólico, o partido abarrota a Oceânia com a imagem do Big Brother (em cartazes e fotos, por exemplo), em uma tentativa de compensar sua falha enquanto big Other. Vamos compreender melhor de que modo o Big Brother é retratado na trama, de forma que se possa comprovar esse excesso.

Primeiramente, o Big Brother trata-se, claramente, de um líder totalitário. Assim sendo, é visto como uma espécie de deus, uma figura mítica. Se o associarmos a outros líderes totalitários, essa designação é ainda mais coerente: Hitler e Stalin, por exemplo, eram cultuados em fotos, cartazes, propagandas e outras mídias, que lhes davam cada vez mais destaque e visibilidade, tornando-se quase impossível não lembrar diariamente de suas fisionomias e, por consequência, de seu poder. Similarmente, o Big Brother está estampado nos selos, nas capas dos livros, nas moedas, em pôsteres nos muros e prédios, ou seja, em todos os lugares. Mesmo dentro de casa, os membros do partido não estão livres de sua presença, pois a teletela os informa dos atos realizados pelo líder.

A linguagem midiática propaga convenientemente a sua sempre-já presença em todos os ambientes, para garantir que os cidadãos assimilem não só sua soberania, mas, principalmente, sua existência.

Considerando que Orwell escreve sua obra em uma época em que as políticas totalitárias estavam em alta na Europa, não podemos deixar de pensar que ele teria construído a figura do Big Brother influenciado pelos líderes totalitários que haviam surgido naquele momento. Observamos que a obra *1984* se constitui como uma leitura ficcional desse cenário político da Europa na primeira metade do século XX. A obra é capaz de trazer à tona a curiosidade por parte do leitor sobre a política dessa época.

A obrigação do Big Brother em se fazer onipresente assinala, do mesmo modo como a Novafala, a fita de Moebius: uma necessidade de poder, de controle, mas, ao mesmo tempo, uma outra verdade: a de que o controle não é total como o Socing tenta mostrar a todo o momento. Assim, a presença constante e excessiva do Big Brother tenta contrapesar sua falha em dominar completamente e em manipular a realidade.

Em segundo lugar, embora onipresente por meio de imagens e discursos, nenhuma personagem jamais viu o Big Brother. Seria ele apenas uma estratégia do Socing para dar ao partido um aspecto maternal e menos agressivo, em contrapartida com a Polícia das Ideias? Voltamos aqui à noção de Verdadeiro Pai Primordial que Žižek (2015) comenta ao se referir ao líder totalitário norte coreano, que tenta veicular uma imagem maternal, de bondade e preocupação com seus súditos, enquanto o aparato partidário aniquila qualquer tentativa de insubordinação: no romance, os indivíduos devem estar cientes de que tudo o que o Socing deseja – por meio da figura do Big Brother – é seu bem-estar.

Novamente, observamos que o Big Brother precisa se colocar como bondoso, como preocupado com os habitantes da Oceânia para que sua imagem e a imagem do partido não sejam esquecidas. A tentativa é a de mostrar que há um perigo iminente na Oceânia e que o Big Brother é o único capaz de salvar os indivíduos desse perigo. Entretanto, o próprio Socing se encarrega de espalhar um medo paranoico entre a população: bombas caem a todo o momento, supostos traidores são enforcados em público, outros são torturados ou **vaporizados**⁶. O excesso reside na suposta bondade imanente do Big Brother, que esconde o real caráter opressor do Socing.

O que aparentemente os indivíduos não conseguem enxergar na constituição do partido Socing é o que Žižek chama a atenção no totalitarismo stalinista. De acordo com o filósofo, “o “totalitarismo” stalinista designa, antes, a atitude de “pragmatismo” absolutamente implacável, de manipulação e sacrifício de todos os “princípios” em nome da manutenção do poder” (2011b, p.

⁶ Em Novafala

138, destaques do autor). Similarmente, sob uma espessa camada de aparente bondade e preocupação, o Socing consegue manter-se no poder.

Finalmente, podemos notar que o Big Brother é uma representação falha do big Other pois, como afirma Lerro, o Big Brother se trata de:

Um big br-other que é, afinal, não tão grande; é apenas o fantasma de um desejo pervertido constantemente afirmando-se através do esmagamento dos desejos e fantasias das outras pessoas; um poder psicótico que busca anular qualquer diferença, criando, assim, uma verdadeira distopia” (LERRO, online, 2014, s/p).

Observamos que o br a mais no nome do Big Brother se caracteriza como um excesso, que desintegra o real caráter do big Other, que se sobrepõe à sua função dentro da ordem do Simbólico, causando, conseqüentemente, uma desordem geral no seio da sociedade de Oceânia. Diferentemente do big Other, que tem a função de tornar as relações interpessoais possíveis e suportáveis por meio de certas regras e proibições, o Big Brother excede o limite suportável dessas regras e anula a subjetividade dos indivíduos, gerando um ambiente insuportável ou suportável na medida em que todos os indivíduos se tornem uma massa amorfa e coletiva, sem características individualizantes: os proletas.

Nessa perspectiva, a obra abre novamente os olhos do leitor para o desejo de massificar a população por parte dos líderes totalitários da Europa no século XX. A massificação da população da União Soviética por Stalin e o extermínio dos judeus por Hitler, bem como o pretense estabelecimento de uma raça pura/ariana, se configuram nessa necessidade de eliminar as diferenças na sociedade, para que a ideologia dominante não seja questionada.

Na vida real, Hitler e Stalin foram derrotados, mas algumas sociedades totalitárias ainda perduram, como é o caso da Coreia do Norte, por exemplo. Em outros países observa-se, hora ou outra, a investida de um governo controlador, como na Venezuela, Cuba e China. Todavia, nos perguntamos: qual seria o futuro da sociedade de 1984?

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao falarmos sobre a linguagem em 1984, concluímos que o excesso de regras do líder totalitário do Socing também incide sobre a língua da Oceânia, a Novafala. Com o intuito de excluir qualquer dissidência, até mesmo a do pensamento, o partido se esforça para criar uma linguagem que limite o pensamento dos cidadãos e proteja o Socing de possíveis ideologias contrárias. Como a linguagem pode ser vista como a maneira pela qual o pensamento se articula, se ela for restritiva,

o correr do tempo fará com que o pensamento não possa mais ser expresso: aquilo que não for abarcado pela linguagem deixará gradualmente de existir.

Essa mutilação da linguagem impossibilita o pensamento livre, forcluindo a capacidade de alguém formular pensamentos dissidentes àquilo que é promulgado pela ideologia dominante. Sendo linguagem e pensamento intrinsecamente ligados, a autonomia do sujeito em pensar em algo que escape àquilo que a linguagem consegue abarcar é nula. Desse modo, a Novafala parece ser eficaz.

Observamos, entretanto, que a manipulação da linguagem tem um efeito ambivalente, pois revela que o Socing teme a insurgência mais do que aparenta. A necessidade de continuar criando regras e limites por meio de mecanismos, como a Novafala por exemplo, revela que o Socing receia ser destituído do poder, porque talvez o partido não seja tão hegemônico quanto diz ser. Assim, a necessidade de ampliar o controle por meio da linguagem pode ser algo perigoso, uma vez que aquilo que é dito por este meio manifesta o que não é dito, configurando-se como a fita de Moebius, em que os dois lados estão conectados intrinsecamente, não havendo uma divisão exata de onde é um lado e onde começa o outro.

Ainda se tratando da linguagem dentro do romance, fizemos um jogo de palavras entre os termos **Big (Br)other** mostrando que o ‘br’ a mais no nome do Big Brother se caracteriza pelo excesso de regras e de controle que ele exerce enquanto falso Big Other, o que, ao mesmo tempo, se assinala como uma falha. O Big Brother falha ao se projetar como um novo grande Outro em Oceânia, uma vez que o excesso não se enquadra no cerne do grande Outro na ordem do Simbólico. Entretanto, em seu papel de líder totalitário, o Grande Irmão é bem-sucedido em suas ações, pois governa em prol de si próprio, erradicando possibilidades de insurgência contra si e o partido que representa.

A manipulação da linguagem no romance *1984* desnuda os perigos a que uma população inteira está exposta quando a manipulação opera em prol de políticas totalitárias que excluem a voz e o pensamento dos sujeitos. A obra em análise, apesar de ficcional, se caracteriza como um alerta aos desmandos de políticas totalitárias espalhadas pelo mundo que estão à espreita para delimitar o pensamento e impor uma nova (velha?) ordem.

4 REFERÊNCIAS

FOWLER, Roger. Newspeak and the Language of the Party. IN: BLOOM, Harold. Bloom's **Modern Critical Interpretations**: 1984, Updated Edition. New York: Infobase publishing, 2007. p. 93-108.

LERRO, Alessio. **Lacan, Orwell, and the Illusion of the Big Br-Other** (2014). Disponível em: <https://alessiolerro.wordpress.com/2015/09/06/lacan-orwell-and-the-illusion-of-the-big-br-other/#more-100> Acesso em: Jul. 2018.

LIBBRECHT, Katrien. Symbolic. In: GLOWINSKI, Huguetta et. al (orgs). **A Compendium of Lacanian Terms**. London: Free Association Books, 2001. p. 198-203.

ORWELL, George. **1984**. Tradução Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SILVA, Marisa Corrêa. Materialismo Lacaniano. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2013. p. 211-216.

STEINER, George. Collected Essays, Journalism and Letters (1968) Review. IN: MEYERS, Jeffrey (editor). **George Orwell: the critical heritage**. London/New York: Routledge, 2002. p. 363-372.

TIAGO, Héllen Nívia. **“Poder Por Amor ao Poder”**: Uma Análise Discursiva das Relações de Poder em 1984, de George Orwell. 2015. 144 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Goiás, Catalão.

ŽIŽEK, Slavoj. **The parallax view**. Cambridge: MIT press, 2006.

ŽIŽEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ŽIŽEK, Slavoj. **Bem-vindos ao deserto do Real!** Cinco Ensaios sobre o 11 de Setembro e Datas Relacionadas. Tradução Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011a.

ŽIŽEK, Slavoj. **Em defesa das causas perdidas**. Tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011b.

ŽIŽEK, Slavoj. **Problema no Paraíso**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

Title

George Orwell's *1984*, language manipulation and the Lacanian Materialism

Abstract

The objective of this article is to analyze language manipulation in literature considering George Orwell's dystopian novel, *1984*. The totalitarian party in the novel, the Ingsoc, tries to manipulate the reality of Oceania society by creating a new language, the Newspeak, which widely spreads the political views established by the party. This ceaseless attempt to manipulate the language is characterized as one of several strategies imputed by the political apparatus to watch over and control the citizens, especially the members of the party, so that they cannot articulate dissenting thoughts to the dominant political ideology. Based on theories by Žižek on the Symbolic and big Other concepts, found in Jacques Lacan's psychoanalysis, the results show that the interference in the Symbolic instance via language is harmful since it alters the way subjects conceive the reality, depriving them of their ability to distinguish the sensor imposed by the totalitarian politics in the novel, as well as their ability to strike back. Conversely, however, language interference reveals some flaws within the party, given that the need for investment in the creation of yet another mechanism of thought control - language - denotes that the party is not, in fact, completely effective in what it intends to do.

Keywords

Newspeak; big Other; Symbolic; Language.

Recebido em: 30/07/2018.

Aceito em: 04/08/2018.